

DO CONCEITO DE PAISAGEM NA ECOLOGIA DE PAISAGEM AOS LIVROS DE GEOGRAFIA ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Priscila de Carvalho Leibão
priscilaleibao@gmail.com¹

Eluan Alan Lemos Pocidonio
eluanlemos@yahoo.com.br²

Resumo

A paisagem não passa a existir após o surgimento do homem, ela já estava lá. Porém, só quando o homem presta atenção na paisagem é que surge seu conceito. A paisagem é o que se vê. O real, o vivido, o sentido diferentemente para cada ser humano. Estes elaboram seleções pessoais, julgamentos de valor de acordo com a análise individual da percepção, e esta análise sofre influências sociais, culturais, ambientais, emocionais conforme o tipo de uso da paisagem por cada pessoa. Inúmeras são as discussões teóricas envolvendo tal conceito-chave da ciência geográfica, em especial na dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana, porém a paisagem tal qual é apresentada aos alunos, em especial do sexto ano do Ensino Fundamental deve e necessita ser amplamente discutida, pois é comum encontrar definições conflitantes ou simplórias para tal público, elucidando tal conceito apenas como puramente visual, deixando o sensorial de lado. No presente trabalho, será realizado uma análise do que é a paisagem a luz da Ecologia de Paisagem e como esta se aproxima ou se distancia do conceito de paisagem apresentado por diferentes livros didáticos do sexto ano do Ensino Fundamental. Para isso, foram selecionadas algumas coleções utilizadas em escolas públicas no Rio de Janeiro, entre elas o Projeto Araribá, Aipoema e Teláris. Busca-se com o trabalho, colaborar com a discussão envolta ao tema no meio acadêmico e nas unidades escolares.

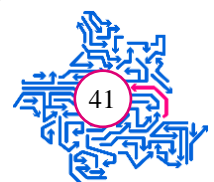
Palavras-chave: Geografia Acadêmica, Geografia Escolar, Paisagem.

Introdução

O conceito de paisagem é, juntamente com os conceitos de lugar, espaço, região e território, um dos cinco conceitos-chave da Geografia. Assim como os demais, o conceito de paisagem é, ainda hoje, amplamente discutido dentro da academia, uma vez que diferentes

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGG-UFRJ); Bolsista CAPES; Tutora Presencial do Curso de Turismo – Consórcio CEDERJ/UNIRIO.

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGG-UFRJ); Bolsista CAPES; Professor de Geografia e Ética e Cidadania do Ensino Fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos) – Prefeitura Municipal de Barra Mansa - RJ.



correntes de pensamento (Geografia Crítica, Tradicional, Humanista, etc.) e áreas de concentração (humana e física) apresentam entendimentos diferentes de um mesmo conceito.

Ademais, somam-se as diferenças intra-geográficas o fato de que o conceito de paisagem também é amplamente utilizado por arquitetos, urbanistas, paisagistas, artistas plásticos, etc. e todas as apreensões que essas áreas do conhecimento têm do termo paisagem.

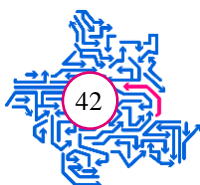
Nessa perspectiva, far-se-á uma análise de como o conceito de paisagem é entendido pela Ecologia de Paisagem e como este se aproxima ou se distancia do conceito de paisagem apresentado por diferentes livros didáticos do sexto ano do Ensino Fundamental.

O conceito de Paisagem para a Ecologia de Paisagem

O surgimento do termo ecologia de paisagem pode ser datado da primeira metade do século XX e atribuída ao biogeógrafo Carl Troll (1899-1975). Segundo Metzger (2001), a ecologia da paisagem se divide substancialmente entre uma perspectiva geográfica e outra ecológica e apresenta diferentes definições.

De acordo com este autor, a abordagem geográfica da ecologia de paisagem sofreu influência da fitossociologia, biogeografia, Geografia humana e do planejamento regional e seus pontos fundamentais são: a preocupação com o planejamento da ocupação territorial; o estudo de paisagens fundamentalmente modificadas pelo homem (paisagens culturais); e a análise de amplas áreas espaciais em macro-escala. Nesta perspectiva, Metzger (*op. cit.*), citando Troll (1971), afirma que a paisagem é entendida como “a entidade visual e espacial total do espaço vivido pelo homem” (p. 3). Por sua vez, a abordagem ecológica da ecologia de paisagem, datada da década de 1980, está intrincada com a teoria de biogeografia de ilhas e apresenta maior destaque no que se refere “às paisagens naturais ou a unidades naturais da paisagem, à aplicação de conceitos da ecologia de paisagens para a conservação da diversidade biológica e ao manejo de recursos naturais” (METZGER, 2001, p. 3). Ainda no trabalho do autor supracitado vemos que, diferentemente da abordagem geográfica, a abordagem ecológica não apresenta uma única definição de paisagem, mas sim algumas definições, todas elas associadas às ideias de heterogeneidade e mosaico.

Mezzomo (2010) discorre sobre as diferentes significações do termo paisagem dentro do enfoque geoecológico e destaca quatro principais escolas de pensamento: alemã, anglo-saxônica, russa e francesa. Segundo a autora, a escola alemã vê no conceito de paisagem a

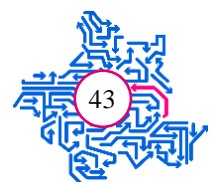


integração entre geografia física e humana a partir de uma descrição de elementos da natureza e culturais. A escola anglo-saxônica se destaca pela concepção de paisagem como um sistema, concepção essa que influenciou, posteriormente, o desenvolvimento do conceito de geossistema. Mezzomo (*op. cit.*) ainda destaca que o autor crê que a paisagem deveria ser o objeto de estudo da Geografia Física e que esse estudo deveria ser feito a partir de:

uma abordagem global, não tratando apenas os seus elementos individualmente, mas integrando todos os elementos naturais e as implicações da ação antrópica. Dessa maneira, a paisagem sendo compreendida como uma entidade global admite implicitamente, que os elementos que a constituem participam de uma dinâmica comum que não corresponde, obrigatoriamente, à evolução de cada um dentre eles tomados separadamente. Tem-se assim, um conjunto de elementos dinâmicos e em constante evolução de acordo com as constantes trocas de energia e matéria. (MEZZOMO, 2010, p. 5).

Com relação ao conceito de paisagem e a disciplina Ecologia de Paisagem, Martins *et al.* (2004) afirmam que essa ciência deve se debruçar sobre padrões e heterogeneidade espacial da cobertura vegetal a partir de estudos realizados por equipes multi e interdisciplinares e que esses estudos devem abranger diferentes níveis hierárquicos e ser feitos de maneira sistêmica. Os autores ainda afirmam que a paisagem abriga ideias de compreensão integrada da realidade, relações espaciais e temporais e que estas são definidas entre os diversos elementos e os vários níveis de observação e definição de aspectos genéticos e de evolução. Além disso, Martins *et al.* (2004) ressaltam que as variáveis estudadas pela ecologia de paisagem são espaço-temporais (ou seja, dinâmicas) e que o principal foco dos estudos dessa disciplina são os padrões e a heterogeneidade espacial. Ou seja, vê-se aqui que a paisagem é entendida de maneira holística/sistêmica e como uma ferramenta de gestão.

Nucci (2007) em seu trabalho intitulado “*Origem e desenvolvimento da ecologia e da ecologia da paisagem*” faz um retrospecto histórico das bases que influenciaram o surgimento desse campo do conhecimento e destaca a atual crise de visão de mundo sugerida por Capra (1982) que afirma que o modelo de pensamento mecanicista-newtoniano-cartesiano está obsoleto, uma vez que vivemos em um mundo globalmente interligado, onde fenômenos biológicos, sociais, psicológicos e ambientais são interdependentes. Segundo o autor supracitado, a importância de se estudar a paisagem de maneira integrada está diretamente ligada ao fato de que “existem propriedades que só podem ser encontradas na complexidade e que (...) não devem ser identificadas por meio de análises ou fragmentação do todo, ou seja,



uma organização só pode ser estudada como um sistema, pois o todo é maior do que a soma das partes” (NUCCI, 2007, p. 85).

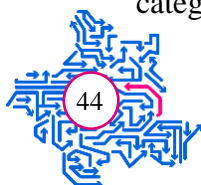
Verdum (2012) chama-nos atenção para o fato de que, no senso comum, a paisagem apresenta duas principais concepções: a objetiva e a de representação e destaca a existência de uma escala espacial da paisagem (aquilo que a visão alcança) e uma escala temporal da paisagem (as paisagens são dinâmicas). Aparentemente, o autor demonstra ter uma concepção de paisagem um pouco mais distante das ideias vistas até o momento de outros autores e escolas de pensamento da Ecologia de Paisagem, no entanto, Verdum (*op. cit.*) sugere que o estudo unificado dos elementos que compõem uma determinada paisagem revela uma dinâmica, estrutura e funcionamento essencialmente únicos e que conferem a cada paisagem seu caráter específico (Bertrand, 1995; Verdum, 2012). Vê-se, aqui também, um raciocínio que remete à ideia sistêmica que na Geografia, segundo Puntel (2012a), pode ser remontada ao trabalho realizado pelo geógrafo Bertrand nos anos 1970 em que defendia “o método de análise da paisagem de forma dialética, através de uma abordagem sistêmica, entendendo que os elementos sociais, físicos, econômicos estão todos inter-relacionados.” (PUNTEL, 2012a, p. 32).

Desta maneira, temos atualmente dentro da concepção da Ecologia de Paisagem um predomínio de uma visão sistêmica/holística da paisagem. Esse mesmo entendimento já havia sido utilizado ainda nos primórdios da Geografia quando Alexander Von Humboldt “associava elementos diversos da natureza e da ação humana, sistematizando, assim, a ciência geográfica.” (BRITTO E FERREIRA, 2011, p.7)

O conceito de Paisagem para o ensino de Geografia

Para realizar uma análise comparativa entre o conceito de paisagem utilizado pela Ecologia de Paisagem e aquele trabalhado nos livros didáticos de Geografia do ensino fundamental foram utilizados seis títulos: Projeto Mosaico, de Garcia e Bellucci (2016); Por dentro da Geografia, de Ribeiro (2015); Vontade de saber Geografia, de Torrezani (2015); Projeto Apoema Geografia, de Magalhães et al. (2015); Projeto Teláris: Geografia, de Vesentini e Vlach (2014); e Projeto Araribá: Geografia, de Vedovate (2010).

Na obra de Garcia e Bellucci (2016), os autores definem paisagem como tudo aquilo que podemos observar momentaneamente em determinado lugar e afirmam que existem duas categorias de elementos que podem integrar uma paisagem: os naturais (formados de



processos e fenômenos da natureza) e os culturais (construídos pelo ser humano). Além desses elementos, Garcia e Bellucci (*op cit.*) salientam a existência de outros elementos integradores da paisagem, como fluxos, brisa, migração de aves, etc. e que estes, por sua vez, caracterizam as paisagens como dinâmicas, como algo em constante transformação.

Apesar da primeira definição do conceito de paisagem apresentada pelos autores citados acima estar diretamente associada à questão visual, Garcia e Bellucci (2016), em um subcapítulo do livro intitulado “*O lugar e suas paisagens*”, a partir de um trabalho com cartões-postais, induzem os alunos ao pensamento de que elementos não-visuais (como temperatura, poluição, sons, etc.) também integram as paisagens, como pode ser visto nas imagens abaixo:

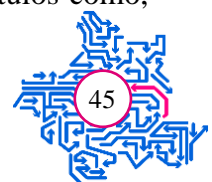


Figura 1: Imagens de cartões-postais destacando alguns aspectos não-visíveis da paisagem. Fonte: GARCIA E BELLUCCI (2016)

Deste modo, os autores afirmam que é preciso mais do que a percepção visual para se realizar uma análise detalhada de uma paisagem:

Assim, uma pessoa que se proponha a realizar uma análise mais detalhada da paisagem de um lugar, em determinado momento, deve levar em conta todos os elementos nela presentes, sejam eles visíveis, sejam invisíveis. Para isso, deve estar com seus sentidos bem apurados: o olfato, a audição, o tato, o paladar e, é claro, a visão. (GARCIA E BELLUCCI, 2016, p. 51).

É importante destacar que em Garcia e Bellucci (2016) o conceito de paisagem aparece muito atrelado ao conceito de lugar, tanto em títulos e subtítulos de capítulos como,



por exemplo, “*Os lugares e suas paisagens*” e “*As paisagens e a identidade dos lugares*”, quanto no discurso, com afirmações como “as características de cada lugar podem ser observadas por meio de suas paisagens.” (p. 44), “Cada lugar possui uma identidade, isto é, um conjunto de características específicas que o identifica e o difere de outros lugares. Muitas dessas características estão expressas nas paisagens dos lugares” (p. 52) e “Observar a paisagem é uma maneira de conhecer melhor os lugares.” (p. 62).

Além de poderem expressar uma marca de uma identidade e de serem dinâmicas, as paisagens nunca serão apreendidas de igual maneira por indivíduos diferentes, ou seja, uma mesma paisagem pode ser compreendida de diferentes formas por várias pessoas. Isso se deve ao fato de que cada pessoa possui um jeito próprio de olhar e compreender uma paisagem. Essa compreensão depende de interesses pessoais, conhecimento do mundo e experiências de vida de cada indivíduo (GARCIA E BELLUCCI, 2016).

Em Magalhães *et al.* (2015) podemos observar ideias bastante semelhantes àquelas apresentadas por Garcia e Bellucci (2016) no que tange o conceito de paisagem. Segundo esses autores, paisagem pode ser compreendida como “uma porção do espaço terrestre que podemos perceber e observar por meio de nossos sentidos” (MAGALHÃES *et al.*, 2015, p. 12). Assim como em Garcia e Bellucci (*op cit.*), Magalhães *et al.* (*op cit.*) dão destaque à percepção da paisagem a partir de outros sentidos que não a visão, ou seja, lembra-nos que a paisagem é composta tanto por elementos visuais quanto não visuais. No entanto, ao longo do capítulo que trata deste conceito, observa-se que a questão visual é ainda predominante para o entendimento do termo paisagem dentro da ciência geográfica. Isso fica bastante aparente em uma sugestão de atividade em que os autores, a partir de um poema de Roseana Murray (1999), instruem os professores a destacarem a importância da observação e do olhar atento para a paisagem que nos cerca. Ou seja, apesar de terem chamado atenção para questão da percepção da paisagem usando outros sentidos além da visão ao longo da obra, fica bastante claro que para eles a noção de paisagem está bastante próxima da questão visual.

Outras semelhanças entre as obras dos autores anteriormente mencionados estão na afirmação de que a compreensão da paisagem perpassa pela percepção individual e na associação entre os conceitos de paisagem e lugar. Segundo Magalhães *et al.* (2015) – no que tange a percepção individual da paisagem – isso ocorre porque “a percepção depende de nossos sentimentos, gostos e de nossas necessidades. Selecionamos os elementos durante uma

observação” (MAGALHÃES et al., 2015, p. 21) e porque “a percepção da paisagem varia entre indivíduos, comunidades e sociedades, uma vez que leva em conta os valores culturais e o conhecimento acumulado pelas populações, entre outras razões.” (MAGALHÃES et al., 2015, p. 13). Já com relação à associação entre paisagem e lugar, os autores afirmam que a presença de elementos construídos em momentos históricos distintos em determinado lugar refletem na paisagem. Deste modo, se conhecermos a “história de um lugar, conseguimos entender muitas características particulares que percebemos nas mais diversas paisagens” (MAGALHÃES et al., 2015, p. 17). Além disso, também alegam que alguns elementos de uma determinada paisagem podem se repetir em paisagens de outros lugares, como por exemplo, “o lugar onde você mora”. É justamente a partir dessa ideia que os autores passam a trabalhar sobre o conceito de lugar em seu livro.

A esse respeito, vale salientar que não é raro identificarmos essa associação entre esses dois conceitos. Puntel (2012b) em “*O estudo da paisagem no Ensino Fundamental e Médio*” apresenta uma proposta de trabalho utilizando fotografias. Segundo a autora, a necessidade de se trabalhar com fotografias se justifica pelo fato de que os educandos precisam compreender a complexidade da realidade em que vivem e isso ocorre quando eles reconhecem o lugar e conseguem identificar as diferentes paisagens. A autora também associa os dois conceitos ao afirmar que “é através dessas atividades de reconhecimento do **lugar**, de experiências do **espaço vivido**, que se expressam os múltiplos significados, em que os alunos vão sentir e perceber que as paisagens estão cheias de representações e que fazem parte de suas vidas” (PUNTEL, 2012b, p. 231, *grifos meus*) e quando diz que é a partir do estudo da paisagem que podemos melhor estudar o lugar. Ou seja, entende-se o conceito de paisagem como uma “subcategoria” que nos auxilia na compreensão da ideia de lugar:

A partir do estudo da paisagem, pode-se vivenciar um primeiro plano de identificação do lugar, criar elos afetivos e se sentir parte integrante daquele espaço. Essa construção de significados acontece a partir das relações que se estabelecem entre o que se observa e o que se vivencia. Somente no momento em que se estabelecem laços afetivos com o lugar em que se vive é que as pessoas poderão tornar-se participativas e capazes de operarem transformações no espaço vivido, porque estão se sentindo integrantes do mesmo. (PUNTEL, 2012b, p. 231-232)

Para Torrezani (2015), “paisagem é tudo aquilo que vemos em determinado lugar, em dado momento.” (TORREZANI, 2015, p. 18). Vê-se aqui, mais uma vez, a ideia de paisagem associada ao sentido da visão. No entanto, assim como trabalhado em Garcia e Bellucci (2016) e Magalhães et al. (2015), a autora chama atenção para a percepção dos elementos da

paisagem a partir de sentidos como olfato, audição e tato. Na obra, Torrezani (*op cit.*) apresenta uma sugestão de atividade para se investigar alguns elementos da paisagem utilizando outros sentidos, além da visão. A ideia é que os alunos toquem e sintam o cheiro de flores, madeira, folhas, areia, pedras pequenas, algodão, etc. e descrevam o que sentiram ao tocar e cheirar os elementos utilizados durante a atividade.

Ainda nessa obra, vemos que as paisagens podem ser formadas tanto por elementos naturais (aqueles que foram formados por processos naturais, sem intervenção direta do homem) quanto por elementos culturais, que também podem ser chamados de artificiais ou humanizados (aqueles que foram produzidos pela ação humana). Segundo Torrezani (2015), destes elementos incorremos em duas categorias de paisagem: as paisagens naturais e as paisagens culturais. Para a autora supracitada, as paisagens culturais são aquelas em que predominam os elementos culturais, enquanto que as paisagens naturais seriam aquelas em que não encontramos evidências da ação humana. No entanto, Torrezani (*op cit.*) destaca que são raras as paisagens do tipo naturais já que, hoje em dia, são raras as paisagens em nosso planeta que não receberam intervenção direta ou indireta do ser humano.

Diferentemente das obras citadas acima, em Torrezani (2015) não vemos uma associação clara e direta entre os conceitos de lugar e paisagem. Todavia, aqui também vemos alusão à ideia de que as paisagens são dinâmicas. Segundo ela, as paisagens estão em constante transformação e podem ser alteradas a partir da ação da natureza (terremotos, água da chuva, etc.) e/ou do homem (reforma de edifícios, abertura de ruas, etc.), sendo que cada transformação altera a paisagem em maior ou menor grau. A duração (tempo) da transformação também é variável, podendo ocorrer em poucos segundos (ex.: tsunami) ou em milhares de anos (ex.: ação da água na formação do Grand Canyon). Ou seja, as paisagens são dinâmicas.

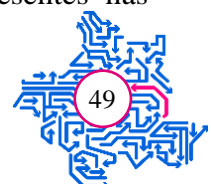
Em Ribeiro (2015), vemos pouca referência ao conceito de paisagem. Ao contrário de todas as obras até aqui trabalhadas, o autor não dedica um capítulo da obra integralmente a trabalhar sobre esse termo, mas limita-se a fazer uma breve diferenciação entre as paisagens compostas de elementos naturais e culturais, sendo os elementos culturais aqueles produzidos pela sociedade e os elementos naturais os que não resultaram do trabalho humano. Para ele, paisagem pode ser definida “a partir do olhar do observador até a linha do horizonte, ponto de encontro entre o céu e a superfície terrestre.” (RIBEIRO, 2015, p. 17). Novamente, o apelo

visual da paisagem fica aparente, porém, diferentemente de outros autores, Ribeiro (*op cit.*) sequer faz referência à percepção de elementos não visuais com o auxílio de outros sentidos humanos.

As ideias de paisagem visual e de paisagem dinâmica aparecem também no livro de Vesentini e Vlach (2014). Para esses autores, a paisagem é “o conjunto dos elementos que a visão pode alcançar. Assim, podemos dizer que paisagem é tudo aquilo que se vê. É, portanto, a parte visível do espaço” (VESENTINI e VLACH, 2014, p. 11). Os autores também afirmam que as paisagens são dinâmicas porque se transformam com o passar do tempo, com a ação da natureza e dos homens, ou seja, “as paisagens não são eternas. Elas estão sempre se transformando em consequência do trabalho humano e dos fenômenos da natureza, como as mudanças climáticas, os vendavais, as chuvas, os terremotos, os *tsunamis* (ondas gigantes) e outros” (VESENTINI e VLACH, 2014, p. 13).

Diferentemente de Garcia e Bellucci (2016) e Magalhães *et al.* (2015), a ideia de paisagem apresentada por Vesentini e Vlach (2014) aparenta estar mais próxima do conceito de espaço do que do conceito de lugar quando os autores afirmam que “o espaço geográfico, assim como as paisagens, refletem as diferenças sociais, ou seja, ao observar uma paisagem, podemos perceber as diferenças que existem na sociedade humana que ocupa aquele espaço.” (VESENTINI e VLACH, 2014, p. 16). Essa, também é a única obra – das seis analisadas – que demonstra um entendimento de paisagem que está um pouco mais próximo da ideia sistêmica utilizada pela Ecologia de Paisagem. Apesar de sua definição apelar para o caráter visual, os autores também afirmam que a paisagem é o resultado, num dado momento, de todas as interações sociais e naturais que ali ocorrem, remetendo ao pensamento de que a soma das partes não é igual ao todo.

Finalmente, a obra Projeto Araribá: Geografia 6º ano, organizada pela editora Moderna e cujo editor responsável é Fernando Carlo Vedovate (2010) apresenta o conceito de paisagem em um mesmo capítulo em que também introduz os conceitos de espaço e lugar e afirma que os três conceitos são muito importantes para a compreensão do mundo em que vivemos. Segundo Vedovate (2010), a paisagem possui duas definições – a comum e a geográfica -, sendo no senso comum paisagem entendida como aquilo que consideramos bonito (ex.: uma queda d’água) e na definição geográfica a paisagem é “é o conjunto de elementos naturais e culturais que podem ser vistos em um local” (VEDOVATE, 2010, p. 12). A obra, assim como as demais, faz referência a dois tipos de elementos presentes nas



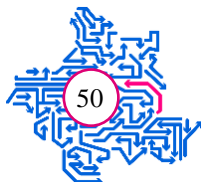
paisagens: os naturais e os culturais (ou humanizados), sendo os naturais definidos como aqueles construídos pela natureza e os culturais como aqueles construídos pelos seres humanos. Destes elementos podemos incorrer em dois tipos diferentes de paisagem: a paisagem natural e a paisagem cultural, sendo a primeira entendida como aquela em que há pouca, ou nenhuma, intervenção humana, e a segunda como aquela em que houve transformação da natureza a partir da ação do homem (VEDOVATE, 2010). Cabe aqui ressaltar que, no que se refere às paisagens culturais, elas são importantes por auxiliarem na “compreensão do mundo e do lugar onde vivemos; além de revelar aspectos da natureza, ela apresenta um registro da história, do modo de vida das pessoas que ali têm habitado” (VEDOVATE, 2010, p. 13). Já no que tange as paisagens naturais, a obra destaca que ainda hoje existem paisagens predominantemente naturais como, por exemplo, algumas porções das regiões polares, áreas montanhosas, trechos de floresta de difícil acesso e áreas desérticas.

Essa ideia de paisagem natural é bastante distante da ideia de alguns autores como Torrezani (2015) e Magalhães *et al.* (2015) que afirmam que, devido ao avanço das atividades humanas, raras são as paisagens que não imprimem de maneira direta ou indireta marcas de interferência humana.

Assim, como Vesentini e Vlach (2014), Vedovate (2010) também não apresenta clara associação entre o conceito de paisagem e de lugar, mas com outro conceito-chave da Geografia: o de espaço. Isso fica evidente no primeiro capítulo da obra, que é intitulado “*Paisagem, Espaço e Lugar*” e onde os conceitos são abordados nessa ordem. Imediatamente após trabalhar sobre o conceito de paisagem (o que recebe mais destaque dentro do capítulo) segue-se o conceito de espaço que, segundo a obra, é composto de elementos culturais, naturais e invisíveis, sendo exemplos deste último, sons e os odores. Ou seja, diferentemente de outros títulos, a obra atribui aspectos não visíveis ao espaço geográfico, e não à paisagem, demonstrando uma certa confusão entre o conceito de paisagem e outros conceitos-chave da ciência geográfica.

Considerações Finais

A partir de uma breve revisão bibliográfica acerca do campo de conhecimento da Ecologia de Paisagem e sua acepção do conceito de paisagem, observa-se que a paisagem é entendida como um sistema, algo que está em constante transformação e, portanto, é dinâmica e como uma ferramenta para estudos e gestão de áreas naturais.



Essa concepção de paisagem se mostra relativamente distante da ideia de paisagem trabalhada nos livros didáticos do Ensino Fundamental. Nestes, vemos que a ideia de paisagem está diretamente associada ao sentido da visão, tendo inclusive conceituações bastante superficiais, uma vez que precisam dialogar com um público de uma faixa etária entre 11 e 12 anos. Também é possível observar que há uma confusão entre o conceito de paisagem e outros conceitos-chave da Geografia: ora o conceito de lugar, ora o conceito de espaço.

No entanto, é possível notar certa aproximação entre as ideias de paisagem apreoadas pela Ecologia de Paisagem e a dos livros didáticos no que tange a dinamicidade. Ambos expressam o pensamento de que as paisagens estão em constante transformação.

Referências bibliográficas

BRITTO, M. C.; FERREIRA, C. C. M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v.2, n.1, p.1-10, 2011.

FERNANDO CARLO VEDOVATE (São Paulo). Editora Moderna (Ed.). **Projeto Araribá: Geografia 6º ano**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2010. 215 p.

GARCIA, V.P.; BELLUCCI, B. **Projeto Mosaico - Geografia 6º ano do Ensino Fundamental**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2016. v. 1. 296p .

MAGALHÃES, C.; SOURIENT, L.; GONÇALVES, M.; RUDEK, R. **Projeto Apoema Geografia 6**. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2015. 272 p.

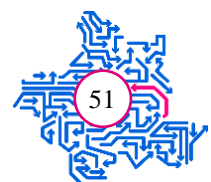
MARTINS, E.S.; REATTO, A.; CARVALHO JR, O. A.; GUIMARÃES, R. F. Ecologia de paisagem: conceitos e aplicações potenciais no Brasil. **Documentos**, Planaltina, DF, n.121, p. 1-35, jul. 2004.

METZGER, J.P. O que é ecologia de paisagens? *Biota Neotropica*, São Paulo, v.1, n.1, nov. 2001. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/fullpaper?bn00701122001+pt>. Acesso em: 06 ago. 2016.

MEZZOMO, M. D. M. Considerações sobre o termo “paisagem” segundo o enfoque Geoecológico. In: NUCCI, J.C. (Org.). **Planejamento da Paisagem como subsídio para a participação popular no desenvolvimento urbano**. Estudo aplicado ao bairro de Santa Felicidade – Curitiba/PR. Curitiba: UFPR, 2010. p. 1-13.

NUCCI, J. C. Origem e desenvolvimento da ecologia e da ecologia da paisagem. **Revista Eletrônica Geografar**, Curitiba, v.2, n.1, jan/jun 2007, p. 77-99.

PUNTEL, G. A. A paisagem na Geografia. In: VERDUM, R. *et al.* (Org.). **Paisagem, significados, transformações**. Porto Alegre: Ufrgs, 2012a. p. 23-33



PUNTEL, G. A. O estudo da paisagem no Ensino Fundamental e Médio. In: VERDUM, R. *et al* (Org.). **Paisagem, significados, transformações**. Porto Alegre: Ufrgs, 2012b. p. 229-239

RIBEIRO, W. C. **Por dentro da Geografia - 6º ano**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2015. v. 1. 320p.

RITTER, L. M. O.; MORO, R.S. As bases epistemológicas da ecologia da paisagem. **Journal of Biotechnology and Biodiversity**, v. 3, n.3, p. 58-61, Aug. 2012.

TORREZANI, N. C. **Vontade de Saber Geografia**, 6º ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2015. v. 1. 368p.

VERDUM, R. Perceber e conceber paisagem. In: VERDUM, R. *et al*. (Org.). **Paisagem, significados, transformações**. Porto Alegre: Ufrgs, 2012. p. 15-22.

VESENTINI, J. W.; VLACH, V. **Projeto Teláris: Geografia – O espaço natural e a ação humana**. São Paulo: Ática, 2014. 280 p.